

APARECIDA ARRUDA, A TANTINHA

56 anos

Raizeira, criadora do Ervanário

São Francisco de Assis e
membra da Articulação

Metropolitana de Agricultura

Urbana

Mora no Alto Vera Cruz,

em Belo Horizonte,

e no Ipê Amarelo, Sabará





Do barro um faz objetos

Coisa mais bonita de se ver

A outra, na alquimia das ervas cura umbigo
de menino

E as cólera tudo que cisma em aparecer

Tem também a revolucionária

Constrói casa, prédio, trabalho de muita
precisão

Diziam que não era coisa de mulher - vixe!

É porque não viram ela levantando paredes

E levando outras direto pro chão

Três histórias de quem trabalha com os ói,
ouvido

Mãos, cabeça e claro, o coração

Fazendo da labuta menos penosa

Sem os abusos que de costume apanham
essa prosa

Nela crescendo um cado de paixão!

O senhor e a senhora nos dê licença

Pra essa narrativa contar

Da terra saiu cada uma delas

Com seus modos e jeitos de se expressar

Eu comecei a trabalhar com as plantas antes mesmo de tê-las como um trabalho – é o meu modo de vida. Um conhecimento intuitivo que me cerca desde o nascimento, com a sabedoria das mulheres de minha família. **Acredito que foram elas a minha sorte primeira de começar a plantar.**

Minha avó, dona Emília Joana de Jesus, era parteira, raizeira, benzedeira, e minha mãe, Andelica Gonçalves de Arruda, cuidava de mim e das minhas irmãs com as plantas medicinais aqui mesmo, na cidade grande. Nós até íamos ao médico, mas os remédios indicados eram substituídos pelos naturais: chá de quitoco para cólica menstrual, chá de mentrasto. Ela nos sustentava sozinha e, logo que nascia um filho, precisava voltar ao trabalho. **Aos 11 anos, eu já trabalhava como costureira, cuidava da casa e dos meus**

Estudei muito pouco, mas o dom já se manifestava quando, intuitivamente, torrava arruda ou pó de fumo para curar o umbigo do bebê.

Aos 30 anos, casada e cuidando do meu segundo filho, nas plantas encontrei a cura para as doenças do menino. Ele tinha muitas crises de asma e bronquite, foi então que

retomei os conhecimentos que me enraizaram a vida inteira. Na igreja, fiz meu primeiro curso sobre plantas medicinais, onde aprendi a receita do xarope de umbigo de bananeira do tratamento. Fernando, meu marido, a princípio, resistiu bastante. Mas foi se sensibilizando ao ver a melhora do Christopher. A partir daí, entramos juntos para vários grupos, fizemos parcerias, fui me capacitando e o trabalho, crescendo. Tudo em nossa casa mesmo, no Aglomerado da Serra, onde ainda moro, mas agora dividindo o tempo e o espaço com o sítio Ipê Amarelo, em Sabará.

A cada curso que participei, ensinei alguma coisa e aprendi em dobro. A oralidade de minha família me acompanha, tenho muita facilidade de me comunicar, aprender e ensinar. Começamos essa jornada para cuidar da família e não teve mais como voltar atrás, **é um trabalho que me dá sustentabilidade e identidade.** Hoje meu filho está com 26 anos, a última crise se manifestou com um ano e seis meses.

No começo, me dividia entre as costuras, que fazia em casa mesmo, e o cuidado medicinal. Com o nascimento da caçula, precisei fazer uma escolha. **Viver das plantas foi o caminho que encontrei para**

ajudar as pessoas, mas não trazia remuneração.

Durante muito tempo, gastava mais do que ganhava com as receitas, fui aprendendo a fazer cálculos, aprimorando a parte administrativa. Há cinco anos me mudei para Sabará, onde tenho um espaço para cuidar e cultivar o que preciso.

A trajetória é longa. Do encontro com Frei Inácio, no primeiro curso que fiz na igreja – costume dizer que ele foi terra fértil para minha semente incubada – às parcerias que hoje faço com ONGs, universidades, as companheiras da Articulação Pacari. Com Fernando, meu companheiro, que sempre me incentivou e hoje, lá de cima, continua me dando energia pelo amor que ele tinha pelas plantas. E meus filhos, que me acompanham nas feiras, ajudam a embalar e organizar os produtos.

O que eu penso para amanhã, para o futuro, para falar a verdade, não ponho um marco. Me encontro de portas abertas para tudo o que vier ser bem-vindo.

Penso em uma política pública de direitos de valorização do protocolo biocultural das raizeiras, material de proteção do nosso conhecimento tradicional. Há a nossa



Farmacopéia, que registra os nossos conhecimentos tradicionais, nossas plantas. Participo da produção do protocolo da Região Metropolitana, chamada Embaúba, para preservação e defesa política do conhecimento tradicional. Daqui para frente, queremos conseguir instrumentos para essa forma de política de não só fazer remédio, mas proteger esse conhecimento que não tem dono, mas herdeiros. Proteger o Cerrado em pé, nossa farmácia viva.

1960

1964

Nasci em Ferros,
Minas Gerais.
Aos seis meses
de vida, vim para
Belo Horizonte.

1970

1980

1988

Casei-me com Fernando, e fui
morar no Alto Vera Cruz.

1990

1995

Começo a procurar
tratamentos para o
recém-nascido, faço o
primeiro curso de plantas
medicinais na igreja.

1996

Começa a experiência
do Ervanário São
Francisco de Assis..

2000

2001

Nasceu meu caçula,
Jean Francisco.

1994

Nasceu meu segundo
filho, Christopher.

1991

Nasceu minha primeira
filha, Raiane Hellen.

2015

Mudo-me para Sabará,
onde tenho espaço para
cultivar minhas plantas.

2010

2017

Fernando se vai.

2020

Estou escrevendo um
livro sobre a minha
trajetória.



ESPAÇOS DE TANTINHA

A gente diz que trabalha em casa, mas, na verdade, há vários tipos de espaço onde a alquimia acontece. Costumo dividir assim, em três: o técnico, o orgânico e o itinerante. Num dia, posso transitar por eles todos ou fazer tudo em um só.

É como uma cozinha, onde preparo todos os produtos. Tem vasilhame próprio para os cosméticos, os xaropes, as pomadas. Sinto-me muito bem quando estou ali. Nele há, também, um cantinho que uso como biblioteca, com alguns livros que consulto quando necessário. Quero organizá-lo para receber as pessoas, dar cursos e oficinas.

ESPAÇO TÉCNICO



Meu quintal, a terra de onde coletei as minhas meninas, que me ajudam a cuidar das pessoas. Mas não uso todas para preparar remédios, muitas vezes, torna-se um espaço didático para quem não as conhece. Preservei ali o jatobá, o barbatimão, o pacari e várias outras plantas nativas, e também introduzi outras de fora, uma hortaliça, um poejo, uma hortelã, uma alfavaca e daí por diante.



ESPAÇO ORGÂNICO



ESPAÇO ITINERANTE

Onde a magia do técnico e do orgânico acontece, quando se junta as plantas do meu quintal, as vasilhas da minha cozinha e vou ministrar uma oficina lá no espaço do outro. É coisa do encontro.

FICHA TÉCNICA

Realização: **Projeto Desebola na Ideia**, realizado pela
Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC)

Coordenação editorial: **Rafaela Lima e Musso Greco**

Redação: **Aparecida Arruda, Joseane Jorge e
Isabelle Chagas**

Revisão: **Isabelle Chagas**

Projeto gráfico e diagramação: **Paola Menezes**

